

A ÚLTIMA NOTA (CODA) - Luto e os desafios da vida.

Marfiza T. Ramalho Reis

*Em verdade, em verdade vos digo:
Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer,
fica ele só; mas se morrer, produz muitos frutos.
(JOÃO,12,24)*

A *última nota* (Coda) tem como diretor o canadense Claude Lalonde. Essa película nos leva a reflexões sobre uma dor profunda engendrada pelo processo de luto, que implica desapego, angústia, melancolia e metanoia — período de grandes transformações. Nosso protagonista sofre com a perda da companheira e com o inevitável momento de se aposentar. Termina uma carreira brilhante, como pianista, assim como lida com as mazelas do envelhecimento.

O filme nos mostra a fragilidade humana e a luta de um homem idoso com o conflito, a consciência de finitudes, assim como constantes crises de ansiedade no retorno aos concertos. Há o encontro com a solidão constitutiva.

Valorizando a experiência

Uma voz feminina, a de Hellen, abre o filme narrando o seguinte:

Nietzsche disse uma vez que sem a música, a vida seria um erro.
Filósofos alemães costumam exagerar, mas isso faz sentido. Eu sei que, sem a música, a minha vida teria sido incompleta de uma maneira fundamental, como se eu não tivesse amigos ou lembranças. Até já pensei ser pianista uma vez, até perceber a fragilidade que é tocar piano.

É interessante essa alusão a Nietzsche, que considerava a arte como a tarefa suprema, a verdadeira atividade metafísica nesta vida. Era atraído pela ideia da transformação, ou seja, de que tudo muda o tempo inteiro. Para ele, os pré-socráticos eram os verdadeiros filósofos, pois julgavam de igual maneira a arte, o pensamento e o

saber. Esses filósofos buscavam, como os antigos gregos, a compreensão do mundo e não o conhecimento da verdade. Nietzsche deixou uma obra polêmica que ainda se encontra no debate filosófico. Critica ideias que pensam a vida como dicotomia entre vida-morte; homem-mundo; sujeito-objeto; alma-corpo; consciência-inconsciência. Sua filosofia foi a de que o intelecto não deve desmerecer a vida mas sim colocar-se a favor dela. A vida, segundo ele (e a sua foi), é sempre uma luta em todos os seus aspectos, é em si vontade de potência. (PRIEDEASUX, SUE. 2019)

As dores e angústias do Henry, nosso protagonista, aparecem via emoções, enjoos, expressões faciais, e através da sua solidão e do seu contato com a natureza. Ele não busca entender ou explicar suas dores, e, sim, se relacionar com sua própria natureza. A nosso ver, Jung e Nietzsche viveram experiências seguindo em busca da máxima delfica “conhece-te a ti mesmo” ou “Torne-se quem você é”. Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche (2011. p.16) disse: “Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio.”

Jung nos mostrou que sua vida foi uma luta em busca de descoberta das realidades da psique. Disse ele: “o destino quer — como sempre quis — que na minha vida todo o exterior seja accidental e que só o interior represente algo de substancial e determinante” (JUNG,1963.p.13)

Buscamos, neste texto, a compreensão desse desenrolar interno na vida do nosso protagonista Henry, pela via simbólica.

Na primeira cena vemos um homem idoso tocando, no piano, *Fantasie*, composta por Schumann e considerada uma das obras centrais do período romântico. Ao retornar ao camarim, seu agente lhe pergunta: -“Você teve calafrios”? Ele responde: “Tem ideia da imprudência que é tocar na frente de uma plateia?” No entanto, a plateia encantada pede bis.

Ao final, numa coletiva com os jornalistas, ao ser perguntado o porquê de não ter tocado o bis, ele responde: “Gosto de finais definidos à maneira do mar que termina abruptamente aos seus pés, no limite da morte da última onda.” Parece-nos ser esse o seu sentimento, ou seja, anuncia-se aqui seu propósito de ser “a última onda”, a última nota.

Hellen, uma jornalista, entra após o início da coletiva e pergunta: “Por que *Fantasie*? É porque se trata de um grito de desespero após ele se separar de Clara”? (Clara Schumann, com quem Schumann teve oito filhos.). Henry responde: “Quando perguntaram a Schumann sobre a intensão dele, não disse nada. Apenas sentou-se ao

piano e tocou novamente”. Aqui se percebe o sentido do símbolo — música — como algo que nos fala entre os interstícios das palavras e do som. Lembramos Nietzsche para quem a arte existe a fim de que a verdade não nos destrua. Disse ele: “A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, o grande estimulante da vida.” (NIETZSCHE, 1983. p. 12)

Hellen consegue com certa insistência e com ajuda do Paul, o agente, encontrar-se com Henry Cole, e realizar seu desejo de escrever sobre esse virtuose. Isto se realiza após confessar-lhe que, sentira-se salva, depois de uma vivência de fracasso aos quinze anos, ao ouvir dele como professor: “O que mais importa é a experiência, e não a performance. O maior dom, o que realmente destaca alguém é a capacidade de sentir”

Vale ressaltar, nessa película, a ênfase na experiência e no sentimento. Isso é muito Nietzscheano e nos inquieta! Parece estar em harmonia ao que Hillman chama de *soul-making*, cultivo da alma, o que segundo ele é uma psicologia artesanal, em vez de uma psicologia do desenvolvimento: “(...) trabalhamos com sonhos, não para fortalecer o ego, mas para fazer realidade psíquica, para fazer com que a vida importe através da morte, para fazer alma coagulando e intensificando a imaginação” (HILLMAN, 2013.p. 201).

Nosso protagonista vive a angústia do luto engendrado pela morte da esposa, que havia cometido suicídio, e, em razão desse sofrimento, afastara-se dos palcos por dois anos. O retorno é melancólico, pois vive também o medo por tropeços em seus concertos. Confronta-se com o tempo da aposentadoria e lapsos de memória ao piano. Em um dos intervalos de uma apresentação, sentindo-se angustiado, recusa-se a retornar ao palco. Paul, seu agente e fiel escudeiro, recorre à Hellen, a quem relata o acontecido: o Henry havia falhado na Coda.

É muito expressivo esse lapso na Coda, que representa a seção em que uma música termina, ou seja, é um fragmento musical no término de uma peça. Coda, traduzindo do italiano para o português, quer dizer calda. Simbolicamente compreendemos como o tempo da aposentadoria, o tempo dos términos é sempre vivido como mortes. Parece-nos que a morte vem para transformar. São tempos de passagem, no entanto, vividos com muitos medos. Podemos imaginar o temor do palco, que deve acometer vários artistas, em tempos de “Coda”. Esse temor pode ser proveniente de problemas físicos, psíquicos, insegurança ou pela inexorável realidade temporal, que é a da idade já avançada. São mazelas que o deus Cronos nos traz!

O que é o tempo?

Vivemos profundamente no tempo e somos criaturas da história. Temos calendários com datas importantes, com férias e compromissos. No entanto, nosso envelhecer nos mostra como o tempo é real. Lembramos de uma amiga, uma idosa bonita que recentemente disse que, ao mostrar uma foto sua da juventude a uma pessoa, ouviu: “Nossa! O que aconteceu?” Isso ouvido como uma piada se ri muito. Todavia, realizamos tal verdade, ou seja, o tempo passa e nos transforma de corpo e alma. Uma definição diz que o tempo é aquilo que impede que tudo aconteça de uma vez só. A experiência que a memória nos traz, no tempo, com nossos registros de tonalidades emocionais, é crucial para nosso senso de identidade, nossa individualidade. Nossas narrativas pessoais são histórias da nossa existência no tempo. Criamos nosso próprio acervo, nossa história pessoal.

As Moiras (mitologia grega) ou as Parcas (mitologia romana), senhoras do destino são as responsáveis por fabricar, tecer e cortar o que seria o fio da vida de todos nós. Também são ditas como filhas de *Nix* - a noite. Essas senhoras seriam, em grego: *Cloto*, a que fiava, que segurava o fio e tecia; a deusa do nascimento e dos partos. *Laquesis*, a que sorteava, puxava e enrolava o fio tecido. *Átropos*, a que afastava, cortava o fio da vida, determinava o fim.

Santo Agostinho (2015) em seu livro (XI) *Confissões* propõe o tempo do mundo e o tempo da alma. O Tempo do mundo se caracteriza pela impossibilidade da duração — é o tempo do relógio, do tic- tac. O tempo da alma é de uma lógica que não é a do mundo: uma lógica absolutamente própria. E, nessa lógica, as coisas duram, pois é um tempo cheio de avanços, recuos com retardamento. Há uma fronteira entre essas duas temporalidades, a do mundo (do devir) e a temporalidade da alma que é cheia de duração. Ele considera que o tempo, então, adquiriu um matiz psicológico. O presente não é mais do que uma experiência da alma; o passado é uma imagem da memória impressa na alma, e o futuro apenas existe como expectativa psíquica. E o tempo corrente é passageiro e insignificante: desaparece quando a alma se une a Deus.

Retornando ao nosso protagonista que, temendo voltar ao palco, ouve Hellen ^qlhe dizer que compreende seu medo, entretanto, toda aquela gente fica feliz quando ele toca, portanto, ele só precisa tocar. A fala dessa mulher, como representante da sua *anima*, surtiu efeito e ele voltou ao palco. Enquanto toca, surge a exuberante imagem dos Alpes como que trazendo a força da natureza, expressando sua própria natureza, sua alma

musical. Logo em seguida o novo anuncia-se com a presença de um jovem que adentra em seu camarim e lhe diz: “Eu quero ser como você!” É o encontro entre o velho e o novo, talvez nos anunciando o tempo de renovação;

Lembramos Jung, ao dizer:

O velho que for incapaz de se separar da vida é tão fraco e tão doentio quanto o jovem que não é capaz de construí-la. Na verdade, em muitos casos, trata-se, tanto em relação a um quanto ao outro, da mesma cupidez infantil, do mesmo medo, da mesma teimosia e obstinação. ...seria aconselhável que só pudéssemos pensar na morte como uma transição, como uma parte de um processo vital, cuja extensão e duração escapam inteiramente ao nosso conhecimento. (JUNG, 1984. § 792 O C v. VIII)

Convivendo com o luto.

Entre Henry e Hellen surge uma relação afetiva e sensível. Eles passeiam pelos parques e ele fala sobre seus lutos. Sua solidão é seminal: sua mãe era cantora e o pai a seguiu mundo afora deixando-o num colégio interno. Na adolescência, diz ele, “não vivia sem o Schumann, só por ele me sentia compreendido”. E, agora sente-se abençoado por Bach e por Beethoven.

Relembra sua companheira de longos anos, da sua alegria e dos seus planos, assim como a felicidade de ambos, dos seus projetos futuros. Recorda os dias felizes numa viagem pelos Alpes. E, no entanto, ela morre no dia seguinte à volta. Expõe seu sofrimento e perplexidade diante da morte: “Nunca senti algo tão frio; e assim, as pessoas morrem, enquanto alguém está comendo ou abrindo uma janela ou enquanto seu companheiro está sonhando ao seu lado.”

Da nossa experiência clínica, observamos que tal vivência acontece em muitos casamentos, ou seja, um sofrendo e o outro sonhando, fugindo da dura realidade. Como é difícil perceber que o cônjuge não está feliz como gostaríamos! E assim, muitos casais vivem anos com a ilusão de que tudo vai bem! E o pior, acreditam que essa persona funciona.

Henry não lhe fala sobre o suicídio da mulher, no entanto, inseridos naquela deslumbrante paisagem, parece nos como expressão da sua impotência e fragilidade. Pensa saber, programa, mas logo tudo se transforma! Há um ditado tibetano que ilustra

perfeitamente a reflexão anterior: “O minuto seguinte e a outra vida, ninguém sabe o que vem primeiro.”

Consoante a vivências passadas, podemos imaginar que o luto de Henry se assemelha ao luto da Cecília Meireles (1933-1937), quando escreveu “Elegia” que dedicou à memória da sua avó Jacinta Garcia.

Minha primeira lagrima caiu dentro dos teus olhos.
Tive medo de a enxugar: para não saberes que havia caído.
No dia seguinte, estavas imóvel, na tua forma definitiva.
Modelada pela noite, pelas estrelas, pelas minhas mãos.

Exalava-se de ti o mesmo frio do orvalho; a mesma claridade da lua.
Vi aquele dia levantar-se inutilmente para as tuas pálpebras,
E a voz dos pássaros e das águas correr,
sem que a recolhessem teus ouvidos inertes.
Onde ficou teu outro corpo? Na parede? Nos moveis? No teto?
Inclinei-me sobre teu rosto, absoluta, como um espelho.
E tristemente te procurava.
Mas também isso foi inútil, como tudo mais.

O filme sugere que, ao nos deparamos com o arquétipo da morte, somos obrigados a realizar nossa finitude. A vivência é do absurdo, do inacreditável e de tremenda limitação. No entanto, como ficaria nossa equação pessoal se baseássemos nossa vida no medo e negássemos a morte, a realidade última? Se adentrássemos nas fantasias de imortalidade, negando a morte, nossa caminhada seria claudicante, sem vigor. A esse respeito diz Jung:

A vida natural é o solo em que se nutre a alma. Quem não consegue acompanhar essa vida, permanece enrijecido e parado em pleno ar. É por isso que muitas pessoas se petrificam na idade madura, olham para trás e se agarram ao passado, com um medo secreto da morte no coração. Subtraem ao processo vital, pelo menos psicologicamente, e por isso ficam paradas como colunas nostálgicas, com recordações muito vívidas do seu tempo de juventude, mas sem nenhuma relação vital com o presente.

(JUNG, 1971, O.C. v.VIII, §.800)

Byington (1996) escreve sobre os arquétipos da vida e da morte, o qual está sempre presente e se expressa via símbolos e funções estruturantes, que podem ser criativas ou defensivas, no processo de desenvolvimento simbólico da psique. Para a psicologia simbólica e psicologia analítica, a morte não é oposta à vida, mas se integram no processo de desenvolvimento, como positiva e negativa, desejável e indesejável, em função do processo. O polo da vida do arquétipo é expresso pelo interesse, pelo fascínio e pelo ganho. O polo da morte, por sua vez, expressa o desinteresse, a perda, o desapego, a depressão e o luto.

Luto e solidão

Henry convida Hellen para voltar com ele a Europa e ela aceita. Antes da viagem, num almoço com os amigos, ela erra a mão no tempero e todos riem. Durante esse incidente, percebe-se, através de pequenos gestos, que há descompasso entre Henry e Hellen. Algo parece fora de ordem. Henry decide viajar, ela quer ir junto, mas ele diz já estar pronto para ir sozinho. Na despedida, ela o olha com enorme carinho. E ouvimos esse diálogo:

—Eu te amo!

—Eu sou um velho.

—Algo contra jovens? Diz ela, sorrindo.

A impressão é a de que ele teme o novo e, em razão disso, isola-se, vivenciando sua solidão! Observamos que a solidão, imposta pelas perdas (sejam amorosas ou de etapas da vida), se vivida com amargura torna as pessoas ranzinhas, transformando-as em indivíduos rabugentos e mal humorados.

Consideramos Jung, ao dizer que:

(..) se negarmos à libido uma vida que avança num fluxo constante, que conhece e quer o perigo e o declínio final, então, ela tomara outro rumo e descera às próprias profundezas, cavando seu caminho até à antiga ideia da imortalidade de toda vida, a nostalgia do renascimento.

(JUNG, 1984, § 792)

Assim, fugir da vida não nos liberta da lei e das dores das perdas, das mazelas da lei do envelhecimento e da morte. A fixação em fases da juventude (procurando livrar-se do que a vida impõe) impede a descoberta de conteúdo e de sentido da vida. Morremos todos os dias, mudamos de etapas, de projetos. Ideias são anuladas; ocorrem decepções nas relações consigo mesmo e com amigos; sonhos são abandonados. O processo de individuação impõe perdas e ganhos.

Iraci Galiás, (2021) com competência e empatia, nos apresenta as dores do luto e a dificuldade que advém do próprio diagnóstico nem sempre fácil de ser feito, uma vez que a intensidade da dor está relacionada a diversos fatores e, um deles, à fase da vida. Atribui como uma das árduas tarefas do processo de envelhecimento o desapegar-se de um cônjuge de longa jornada. Sabiamente considera que “talvez a viuvez do idoso venha coroar o aprendizado do desapego, já tão treinado em situações anteriormente vividas” (GALIAS,2021. p.221) A passagem de uma etapa da vida a outra é uma imposição, e disso ninguém duvida. Não escolhemos, e sim, sofremos o movimento da vida.

Como espectadores, ficamos impactados com a relação de Henry com a natureza. Inicialmente, percebemos incômodo e angústia. Havia uma certa melancolia que deixava nosso protagonista insone e lembrando da Hellen. A representante da sua *anima* havia mudado. Otavio Paz, em “O labirinto da solidão”, sintetiza ao dizer: “O homem é nostalgia e busca comunhão. Por isso, cada vez que se sente a si mesmo, sente-se como carência do outro, como solidão” (PAZ, 1982, p.175).

Nesse tempo da solidão, corre-se risco, ao viver o ócio. Ócio significa ter tempo para fazer escolhas, fazer nada e abrir espaço para inspirações, assim como tempo para ruminar pendências e questões não resolvidas. Ócio passa a ser um tempo de entrega às imagens interiores e sentimentos. Profundas reflexões que surgem, às vezes, transitam entre luz e sombras, dores e alegrias. As vivências de imaginações criativas não acontecem sob pressão e correria: precisamos da solidão.

Lembremos de Carlos Drumond de Andrade (2011, p.182), ao falar da melancolia e da solidão em: “Os ombros suportam o mundo”.

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se.
Mas nas sombras teus olhos resplandecem enormes.
És toda certeza, já não sabe sofrer.
E nada espera de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, o que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue e nem todos
se libertaram ainda.

Alguns achando bárbaro o espetáculo
prefeririam (os dedicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

A linguagem do inconsciente é simbólica. As palavras e as imagens representam ideias, sentimentos e sensações que experimentamos. E, como a energia psíquica é intensa, somos obrigados a dar-lhe atenção.

Cenas belíssimas mostram Henry solitário, imerso numa deslumbrante natureza. Essas cenas nos remetem à fala do Joseph Campbell, ao descrever esse tempo de imersão como uma experiência absoluta, frente à beleza.

Quando olhamos para o por do sol e dizemos: Ahhhhh!! Isso como a participação com a Divindade, uma experiência de tremendo poder com a maravilha; quando você sente uma dimensão maior que a humana. Deus como a manifestação da natureza, como veículo da energia que é representada por várias figuras, imagens que representam deuses e demônios. Personificações de energias – total mistério.

(CAMPBELL, 1990, p. 218).

No devaneio e na comoção estética se dá a transformação. No evento artístico, todavia, só quando o ser se expõe é que se transforma. Assim que aprendemos a nos aceitar, com uma existência em constante reformulação, uma individuação em movimento e como seres, com suas contradições.

Nosso olhar junguiano considera que a vida é um processo energético. A vida é teleológica, *par excellence*, que o organismo nada mais é do que um sistema de

objetivos prefixados que se procura alcançar. Da mesma forma, como nos mostra Jung, em sua obra, a trajetória de um projétil termina quando ele atinge o alvo, que é, portanto, a meta para o qual tende a vida inteira. Mesmo sua ascensão e seu zênite – o palco e a plateia de um virtuoso – são apenas etapas e meios através dos quais se alcança o alvo, ou seja, o sentido pelo qual se trabalhou tanto. No entanto, o alvo, no entardecer, é a morte. A certeza que temos é da impermanência.

A solidão buscada por Henry acontece no início do filme. Na verdade, o que vemos é o processo repleto das suas memórias, em seu tempo solitário, como um tempo de elaboração das suas vivências e confronto com sua sombra. Encontramos esse simbolismo no Antigo e no Novo Testamento, representado por aqueles quarenta dias, no deserto.

O número 40 na Bíblia simboliza dentre outras coisas o tempo necessário de preparação para o novo, de diferentes maneiras, mas sempre mostrando um tempo de recolhimento, dor ou privações. Davi, o grande guerreiro se isolava e observava seus sonhos antes de ir para uma guerra. Elias foi para o deserto assim como outros profetas. Quarenta dias Jesus jejuou e ficou no deserto lidando com seus demônios, sua sombra, antes de começar seu ministério. (Mt4,2; Mc1,12; Lc4,2)

Esse tempo do afastar-se para se encontrar aparece em muitas tradições. A catábase, a descida ao Hades ou como se referem muitos, em tempos de lutos, um buraco negro, tempos de tristeza, dor e melancolia. O mito de Orfeu nos fala da descida às trevas do Hades como um tempo de luto. Orfeu teria sido o mais talentoso dentre todos os músicos, apaixonou-se pela bela Eurídice e se casaram. Ela era tão bonita que despertou o interesse de outro homem, Aristeu. Depois de ser recusado Aristeu passa, contudo, a persegui-la. Durante a fuga, Eurídice tropeça em uma serpente e morre envenenada. Desesperado e sofrendo, Orfeu foi até o mundo dos mortos com sua lira para resgatar Eurídice. E poderia tê-la trazido de volta, se não tivesse olhado para trás. Em tempos enlutados buscamos resgatar o que é nosso e, de alguma forma, transformar nosso lugar na vida, reorganizando nossas memórias assim como buscar o desapego da matéria que no mito é representada por Eurídice.

Como podemos acompanhar pelas belas imagens fílmicas, as cenas parecem ser, psicologicamente falando, o tempo do deserto ou da obscuridade, em que é preciso resgatar peças do mundo interno para viver esse sentimento de finitude.

À medida que Henry faz as suas caminhadas solitárias, ele encontra flores, vai à cachoeira e se molha. Nesse momento seu rosto muda de expressão, está mais suave.

Ele já podia respirar mais profundamente, e, aliviado, juntar pedra sobre pedra (sendo essa uma linda e bastante expressiva cena, no filme). Ele brinca com as pedras, à beira do rio, como se desejasse esculpir algo.

Jung também se mantinha conectado com as associações poéticas que lhe ocorriam, inscrevendo fragmentos literários diversos e permitindo à pedra “falar por si mesma”. Após a morte de Emma, sua esposa, Jung procurou superar seu luto, trabalhando com esculturas em pedras. A esse respeito, disse: “foi muito difícil estabilizar-me de novo e o contato com a pedra ajudou-me consideravelmente” (JUNG, 1975, §. 155-6).

Boa pedra e má pedra ou pedra ruim, legítima, falsa, extraída ou encravada, deve ter sempre um significado. Como disse Hillman:

Qualquer pedra – quer seja no solo, na palma da mão, esculpida numa estátua, usada como ferramenta ou respeitada como um amuleto – pode ser um objeto que fala, ou seja, um totem ou um fetiche dependendo de onde for colocada, como é cuidada, e de que seja ritualisticamente encarada. (HILLMAN, 1993, p.124).

Henry já podia lidar com a rigidez da sua personalidade. Encontra com o vigia da noite, Félix, que se mostra um homem sensível, pois ao ver o hóspede com um livro de poesias, reconhece o poema do Goethe e o informa de que aquele poema fôra escrito na parede de uma cabana, na floresta. Para alguns, o poema é triste, entretanto, ele o acha tranquilizador.

Nas copas das árvores
Difícilmente ouves um sopro
As aves dormem nas árvores
Esperes, pois em breve também
Descansarás.

Sua relação com o vigia da noite prospera e eles jogam xadrez, sendo Felix o vencedor. Após uma caminhada, ao chegar ao hotel, Henry comove-se ao ouvir o som de um piano, e percebe ser o vigia ouvindo um CD de sua autoria. Confidencia-lhe que essa era a música preferida da sua esposa. Henry demonstrava relacionar-se bem com as figuras sombrias e noturnas. Já havia poesia e música em suas noites.

Em nossas vidas, temos insônia em tempos de ansiedade e conflitos. No entanto, aquelas noites em que suportamos a insônia e ouvimos nossas figuras internas, que querem jogar xadrez conosco, ampliamos nossa consciência. As figuras da noite, dos nossos sonhos, nos ajudam a compreender o que na vigília tememos. Estamos sempre apressados, e, de acordo com Nietzsche “a pressa é universal porque todos estão fugindo de si mesmos” (apud PRIDEAUX, 2019, p.374).

Paul, o agente, descobre o local em que o Henry se isolara. Vai ao seu encontro e ouve: “Meu tempo acabou!” Conclui, dizendo que não precisará mais de um agente.

Na cena seguinte nosso protagonista aparece imerso numa piscina, numa atitude reflexiva, e, ao ser provocado pelas gracinhas de uma criança, sorri. Já não parece mais um velho acabrunhado.

Em tempos do luto passamos a nos ocupar, na solidão com feridas profundas que uma perda provoca: lidamos com cicatrizes e a própria finitude. No entanto, essa é sempre uma experiência solitária, mas que reverbera na dinâmica familiar. Cada mudança de etapas representa uma morte, pois somos obrigados a desistir de comportamentos, aos quais estávamos muito apegados. Todos os ciclos de vida, tanto pessoal quanto familiar apresentam um começo, um meio e um fim.

Não podemos pensar em caminho de individuação, diferenciação, individualidade, enfim, autoconhecimento, sem aceitar a própria solidão. Talvez seja esse o preço dessa conquista: lutas e solidão. A plenitude da vida, diz Jung, tem normas e não as tem, é racional e irracional. Se como observou Jung, individuação não é perfeição, mas o ser completo. Então, nessa completude estão inseridas a privação e a falta. Assim, a compreensão de termos de conviver com a falta nos lembra a nossa humanidade e finitude. Essa solidão nos remete à impossibilidade de compartilhar certas vivências, sentimentos, intuições, sonhos e tantas emoções que expressam a nossa singularidade.

Henry parece em paz em sua solidão. Essa atitude aponta consonância com o que pensa Otavio Paz: “viver é nos separarmos do que fomos para nos adentrarmos no que vamos ser, futuro sempre estranho. A solidão é a profundidade última da condição humana”. (PAZ, 1992, p. 175)

Num cenário exuberante de montanhas e vales, aparece Henry em estado de meditação. Surgem as imagens dos gênios da música, e ele se sente ao lado de Beethoven e Bach. Simbolicamente, compreendemos que, ao sermos boa companhia para nós mesmos, nunca ficamos solitários e abandonados. Texto surge como sendo sua reflexão:

Já foi dito que a música de Beethoven fica no crepúsculo, entre a perda e a esperança eterna. Acredito que o mesmo vale para a vida, exceto pela parte do eterno. Compositores alemães são mesmo uma boa companhia.

A imagem final é ele indo ao encontro de uma rocha ancestral, o que parece nos mostrar a transitoriedade da vida, a nossa fragilidade e a perenidade da pedra.

Henry pode sair do isolamento e, num carro em movimento, aparece lendo o artigo de Hellen, numa revista:

“É difícil explicar como me senti quando Henry Cole tocou naquela noite. Qual o sentimento das grandes músicas?

Talvez uma espécie de conhecimento, ou de sabedoria, mas não é sabedoria ou qualquer coisa que caiba em palavras.

O melhor que posso dizer é que é como se sentir viva.

Aquela música tinha uma angústia, um anseio, uma determinação, e conforme eu ouvia, eu me sentia mais emotiva e compassiva, querendo compartilhar aquele momento com todos no mundo.

Acho que a palavra que procuro é gratidão, gratidão por Schumann, Bach, Beethoven, gratidão por Henry Cole e por todos que celebram a música da vida.”
(Hellen)

Finalizo lembrando o saudoso Rubem Alves (2001), psicanalista e poeta mineiro, ao falar “Sobre a velhice”.

No crepúsculo, tomamos consciência do tempo. Nas manhãs, o céu é como um mar azul, imóvel. Nos crepúsculos, as cores se põem em movimento: o azul vira verde, o verde vira amarelo, o amarelo vira abóbora, o abóbora vira vermelho, o vermelho vira roxo – tudo rapidamente. Ao sentir a passagem do tempo, nós percebemos que é preciso viver o momento intensamente. “Tempus fugit”- o tempo foge – portanto, “carpe diem”- colha o dia. No crepúsculo, sabemos que a noite está chegando. (Rubem Alves)

Referências

ALVES, R. *As cores do crepúsculo- a estética do envelhecer*. Rio de Janeiro: Papirus editora, 2001.

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira dos Santos e A. Ambrosio de Pina. Petrópolis. RJ: Vozes. 2015.
- ANDRADE, C. D. Os ombros suportam o mundo. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BYINGTON, C.A. O arquétipo da vida e da morte: um estudo da psicologia simbólica. *Junguiana*. Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. V.14 p.92-115. 1996.
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. Tradução Carlos Felipe Moises São Paulo: Ed. Palas Athena, 1990.
- GALIAS, I. Luto em família. In. *Família e identidade*. Org. Celia Brandao. Curitiba: Appris, 2021.
- HILLMAN, J. *O sonho e o mundo das trevas*. Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.
- *Cidade e alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- JUNG, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963
- *Etapas da vida humana. A dinâmica do inconsciente*. O C v. VIII. Petrópolis: Vozes, 1984.
- *A alma e a morte* In: *A dinâmica do inconsciente*. O.C.v.VIII. Petrópolis. R.J: Ed. Vozes, 1971.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. A arte em O Nascimento da tragedia. *Os Pensadores*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PAZ, Otavio. *O labirinto da solidão*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- PRIEDEASUX, SUE. *Eu sou dinamite: a vida de Friedrich Nietzsche*. Tradução de Claudio Carina. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- CODA (A última nota), diretor Claude Lalonde, gênero- drama musical, roteiro de Louis Godbout, elenco, Patrick Steward e Katie Holmes. Canadá, 2019, 96 min.